

Televisão, educação e sociedade: uma visão crítica

Geovani Berno*

Índice

1 Uma breve introdução	1
2 A realidade brasileira	2
3 O “olhar da Tv” em Rondônia	4
4 A formação do conhecimento e a Tv	6
5 Uma bússola para encontrar o rumo	7
6 Considerações finais. Distante de uma conclusão	8
7 Referência bibliográfica	9

Resumo: Neste artigo procura-se analisar a programação televisiva atual, principalmente a de sinal aberto e seus reflexos sobre a educação e a disseminação do conhecimento na sociedade.

Palavras-chaves: televisão, educação, conhecimento, cultura.

1 Uma breve introdução

Em 1950, mais precisamente em 18 de setembro de 1950, pela TV Tupi, em São Paulo, através do empreendedorismo de Assis Chateaubriand, a TV chega ao Brasil. De

*Geovani Berno é Bacharel em Comunicação Social, com Habilitação em Publicidade e Propaganda, pela Universidade Federal de Santa Maria – UFSM – RS. Especialista em Metodologia do Ensino Superior pela UNIR – RO. Coordenador do Curso de Comunicação Social da Faculdade Interamericana de Porto Velho – UNIRON.

acordo com Daniel Filho (2001) o espetáculo inaugural chamou-se *Show na Taba*, e contou com música, humorismo, dança, quadro de dramaturgia e foi apresentado por Homero Silva. Este programa foi realizado com duas câmeras e transmitido com a maior dificuldade.

Em meio a este “grandioso feito” uma pergunta pairava no ar: “onde isso vai dar?” Ao final do show, Cassiano Gabus Mendes, diretor do espetáculo voltou a respirar, devido ao seu grande nervosismo. Contam que aí perguntaram a ele: Mas o que a gente faz amanhã? ¹

Este pequeno detalhe esquecido por Cassiano Gabus Mendes é hoje uma das mais estratégicas ferramentas das emissoras de televisão: *a grade de programação*. Para preenchê-la é preciso que se tenha muita criatividade e bons produtos – pensando-se numa programação nacional – e, ainda, complementá-la com filmes, jornalismo e “enlatados”².

¹ Daniel Filho. *O Circo Eletrônico. Fazendo TV no Brasil*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001. p.15.

² Termo utilizado pejorativamente para designar filmes produzidos para TV em escala industrial, geralmente *seriados*. Produto típico da *cultura de massa*, fornecido em lotes e a baixo custo para diversas emissoras de televisão. (RABAÇA, Carlos Alberto & Barbosa, Gustavo. Dicionário de comunicação. Ática. São Paulo: 1987. p235.

O Sistema Brasileiro de Televisão – SBT – por exemplo, tem nos enlatados mexicanos, americanos e venezuelanos seu grande forte, com novelas “açucaradas e melosas”, além de diversos seriados americanos que acabam caindo no gosto popular, como “Chiquititas”, “Carrossel” e, “A Usurpadora”. “Mulher com Aroma de Café”, “Um Maluco no Pedacço”, “Chaves” “Chapolin” entre outras não menos exóticas.

Estes trabalhos caracterizam-se por padrões de baixa qualidade técnica – se comparada com as produções brasileiras. Principalmente se buscarmos o famoso “Padrão Globo de Qualidade”, adotado por José Bonifácio de Oliveira Sobrinho, o Boni. Além do que, estas produções são muito baratas para as emissoras que a adquirem e fogem totalmente da temática nacional. Segundo o caderno Televisão do jornal Diário da Amazônia relata que nos dias atuais, 91% da programação do SBT é constituída por enlatados.³

Já MERTON e LAZARFELD (2002), procuram explicar esta tendência para produções de baixa qualidade técnica fazendo alguns questionamentos, entre os quais destacamos:

... Qual é o status histórico desse nível notoriamente baixo de gosto popular? Será um pobre resquício de padrões que já foram significativamente mais altos? Um surgimento relativamente mais novo, no mundo dos valores, e amplamente desvinculado dos padrões mais altos de onde presumivelmente vieram? Ou um fraco substituto que bloqueia o caminho

³ Diário da Amazônia, caderno Variedades – Televisão. Página B-8. Porto Velho, 31/05/2002. Ano IX – Nº 2970.

ao desenvolvimento dos padrões superiores e a expressão de elevado sentido estético? (p.122)⁴

Estas reflexões nos auxiliam a entender um pouco do por que destas produções fazem tanto sucesso apesar de serem melodramas muito fracos em termos de tema e, é claro, pouco educativo. Além de fugir totalmente da realidade brasileira, culturalmente falando.

Esta valorização do “estrangeirismo” dos enlatados, além de restringir em muito o conhecimento e ser meramente uma atividade de lazer de baixíssima qualidade, acaba com postos de trabalho dos brasileiros em todas as áreas ligadas ao meio. Sejam atores, produtores, maquiadores, cenógrafos, etc. Com o potencial criativo e artístico que o brasileiro possui, porque nós não produzimos e exportamos. A barreira da língua talvez seja um impeditivo, visto que o português é pouco falado no mundo. Mas por que não se vende o produto brasileiro já traduzido e com excelente qualidade de produção?

2 A realidade brasileira

Em que pese o aperfeiçoamento das produções brasileiras, ainda falta aos programas televisivos – nas novelas principalmente – a questão do ver-se, identificar-se ao ver televisão. A Globo distancia ainda mais esta realidade. Roberto Moreira (2000), em *Vendo a Televisão a partir do cinema*, procura elucidar esta identificação afirmando que: “en-

⁴ MERTON, Robert K e LAZARFELD, Paul F. *Comunicação d0e massa, gosto popular e a organização da ação social*. In: LIMA, Luiz Costa.(org.) *Teoria da cultura de massa*. Paz e Terra. 6ª ed. São Paulo: 2002.(p. 109-131).

tre a disputa de poder pelo controle de uma empresa e o dia-a-dia de uma favela, o descompasso era grande demais.” (p.59).

Esta produção televisiva:

“satisfaz os técnicos e parte da classe média ascendente, mas distancia uma grande parcela do público. É natural que eles prefiram o Ratinho. Ali emerge o mundo deles na paisagem televisiva. É um mundo deformado e grotesco? Sim, mas mantém algum contato com a experiência cotidiana do público” (p.59-60)⁵.

Mas as emissoras não mostram nada de bom, nada de educativo? Sim, elas nos faram de boa programação educativa. Das quatro às sete horas da manhã. Neste horário vemos programas muito interessantes como os telecurso, Globo Ciência e Ecologia e um novo programa, que mostra experiências exitosas da “escola nova” entre os educandos, chamado “Ação”.

Não se pode esquecer que, no Brasil, possuímos três fusos horários. Em Rondônia – sem o período de “horário de verão”, fica-se uma hora menos em relação a Brasília. Já no vizinho estado do Acre, duas horas. Em período de “horário de verão”, fica-se duas e três horas respectivamente. E este “detalhe” nunca, ou quase nunca é levado em consideração na hora da programação.⁶

Por isso, vemos absurdos como o telecurso sendo veiculado às 4h da manhã (horário no Acre) e filmes considerados impróprios para menores de 18 anos sendo veiculados pela Rede Bandeirantes às 10h da

⁵ MOREIRA, Roberto. In a tv aos 50 anos – criticando a televisão brasileira no seu cinquentenário. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2000.

⁶ http://sucom.redeglobo.com.br/manchetes/horario_verao.php

noite. O próprio programa de Monique Evans, “Noite Afora”, para citar um exemplo, com linguajar extremamente empobrecido e pessoas quase nuas sendo “entrevistadas” sobre uma cama, veicula entre 22 e 23h no estado do Acre.

O que não se percebe é um movimento pró-cidadania, que fiscalize estes abusos. Vemos juízes proibindo crianças de trabalhar em novelas, mas em nenhum momento se preocupam com a fiscalização das emissoras, com o conteúdo do que é mostrado. Afinal de contas, a televisão é uma concessão pública, e por tal deveria haver um órgão fiscalizador, ligado ao público.

Raros são os programas de “nível aceitável” na grade normal de programação, além dos programas informativos e jornalísticos, o “Programa do Jô”, “Passando a Limpo”, entre outros, possibilitam aos telespectadores, através de suas entrevistas, um pouco mais de conhecimento e informação.

LOPES (2000), diz que é inegável o padrão técnico a que se chegou com a televisão brasileira, mas que, no entanto, ele serve aos políticos como forma de barganha, para que estes os vejam com simpatia, não o “maltratem” politicamente em seu veículo. Não servindo aos interesses sociais e sim pessoais. Ainda segundo ela:

“a legislação não contribui para formar uma mentalidade, tanto do público como dos concessionários de televisão, baseada no direito à informação do primeiro e na obrigação dos segundos de prestar um serviço de qualidade, respeitando os valores éticos e sociais e não apenas atendendo aos interesses dos anunciantes.”⁷

⁷ LOPES, Vera de Oliveira Nusdeo. *A Lei da*

No entanto, verificamos o pouco caso que as emissoras têm com a informação e a formação do conhecimento para a sociedade. É preciso deixar claro que se trata “de um serviço público ou de utilidade pública por excelência, dado o seu papel na informação, na educação, no lazer e na formação cultural da sociedade”⁸

E a sociedade, por que não reage? Talvez porque falte a cultura e o conhecimento que “eles” não nos transmitem, transformando seus veículos em meios de exploração financeira e de banalidades. Transformam grupos como o “É o Tchan!” em celebridades nacionais, quando a única contribuição deste é mostrar “bundas” em letras de muitos sentidos onde se manda ralar e esfregar a “theca”, que acabam por erotizar a criança, que vê em seus “ídolos” a sua identificação de sucesso.

Temos bons exemplos de controle na televisão pelo mundo. Na Alemanha, respeita-se o direito ao pluralismo ideológico aos operadores de rádio e de televisão. Assegura aos diversos grupos políticos, sejam agrupamentos ideológicos, sindicatos, o direito de antena (cota do horário de transmissão proporcional a sua dimensão e a sua importância). Na França é semelhante. A área é regulamentada pelo Conselho Superior do Audiovisual, o CSA. Cabe a ele assegurar a igualdade de tratamento, a independência e a imparcialidade no setor. Na Inglaterra, existem dois órgãos: o *Broadcasting Complaints Commission* e o *Broadcasting Standart Council*. A primeira é competente para o recebimento

Selva. In:BUCCI, Eugenio. A tv aos 50 anos – criticando a televisão brasileira no seu cinquentenário. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2000. (p.167-168).

⁸LOPES, Vera de Oliveira Nusdeo. Op cit p. 167,168.

e encaminhamento das queixas apresentadas pela audiência com relação aos programas transmitidos e o segundo tem autoridade naquilo que se refere a violência, obscenidade, ética etc. Nos Estados Unidos, a FCC tem poderes para impor penalidades, desde advertência até cassação da licença.⁹

A legislação brasileira é antiquada. Remonta da época ditatorial e garante vários privilégios aos “concessionários”. LOPES (2000) faz uma alerta sobre a importância de se utilizar sempre esse termo, haja vista que os canais de televisão não são propriedade privada de ninguém; apenas as empresas que as operam são propriedade privada (p. 175).

Por não possuímos um órgão fiscalizador, a população fica à mercê do poder dos “concessionários”, visto que, para reaver uma concessão, o Governo terá que apelar ao judiciário para reaver algo que, em tese, é do Governo. Desta forma:

“está-se permitindo que o emissor se beneficie de sua má conduta, inclusive para formar unilateralmente a opinião pública tanto contra a decisão do órgão público como para influenciar o Judiciário, sem mencionar o absurdo de conceder tal poder a uma pessoa, o juiz”.¹⁰

3 O “olhar da Tv” em Rondônia

Talvez o maior problema dos veículos de comunicação em Rondônia seja a falta de profissionalismo e a escassez de investimento

⁹ LOPES, Vera de Oliveira Nusdeo. *A Lei da Selva*. In:BUCCI, Eugenio. A tv aos 50 anos – criticando a televisão brasileira no seu cinquentenário. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2000. (p.172-173).

¹⁰LOPES, Vera de Oliveira Nusdeo.. Op cit p.18.

em produção local. Matérias são feitas e produzidas por pessoas que se habituaram a escrever para os mais diversos setores da comunicação, mas não possuem formação técnica específica, mesmo assim, possuem registro de jornalista junto ao Sindicato dos Jornalistas de Rondônia - SINJOR.

Em se tratando de televisão, objeto deste estudo, não é muito diferente. Excetuando-se a TV Rondônia – afiliada da Rede Globo (que possui alguns jornalistas formados em suas hostes) as demais emissoras não atentam para isso. A TV Rondônia segue a “cartilha” da Globo e consegue manter um certo padrão jornalístico. Mas algumas concorrentes possuem um nível sofrível. Programas sem produção, captação de áudio e imagem muito ruins, além de apresentadores sem preparo algum.

Limita-se nossa produção local às “janelas” que a própria Rede Globo determina a suas afiliadas. Com isso produz o “Bom Dia Rondônia”, “Amazônia em Notícias” – transmitido direto de Manaus via satélite para os estados de Rondônia, Acre, Amapá, Roraima e Amazonas - o “RO TV “ às 11 horas da manhã” e à tarde, o “Jornal de Rondônia”, não produzindo nada extra ou especial. A TV Candelária, retransmissora da Rede TV possui alguma produção local com programas de entrevistas políticas, esporte, etc. Praticamente tudo em estúdio; A TV Norte, retransmissora da TV Record, possui o “Bom Dia Cidade” “TV Norte Entrevista”, de segunda a sexta-feira ao meio dia, sendo seguido pelo “Tome Nota”, mais voltado ao público feminino. A emissora se caracteriza por divulgar muito as festas e acontecimentos regionais, mesmo que para isso tenha de “cortar” a programação nacional. A TV Alalamanda, retransmissora do SBT, seguindo a

linha da matriz não possui jornalismo local. A TV Meridional – Bandeirantes, aluga espaço para quem desejar comprar e conseguir mantê-lo com patrocínios, deixando a linha editorial da emissora um caos.

Fazendo-se uma análise grosso modo, percebe-se, ainda, um grande amadorismo no fazer televisão em Rondônia, carecendo de profissionais em todas as áreas (cinegrafistas, produtores, pauteiros, editores, repórteres investigativos, comentaristas, entre outros).

Talvez um dos grandes diferenciais para a Amazônia seja o Amazon Sat¹¹. Canal de satélite de propriedade da Rede Amazônica (que também detém a concessão da Globo em cinco estados já acima citados). Através do Canal se veicula matérias produzidas nos estados onde possuem emissoras, complementando a programação com programas de temática amazônica (ecológicos, turísticos, agronegócios, Zona Franca, entrevistas, pesquisas, além de programas que são produzidos pelo Canal Saúde).

Sempre que possível – quando as afiliadas vendem patrocínios, transmitem festas e eventos regionais, como o “O Homem de Nazaré”, na Jerusalém da Amazônia, em Porto Velho. Trata-se de um grandioso espetáculo ao ar livre que conta a história de Cristo com mais de duzentos participantes entre atores e figurantes. Há dois anos tomou corpo com a presença do ator global Carlos Vereza e da atriz Suzana Gonçalves – que mora em Rondônia – irmã de Suzana Vieira. Além da transmissão da festa de Parintins, no Amazonas, por vários anos, entre

¹¹ Mesmo sendo um canal via satélite, nas cidades onde há emissoras da Rede Amazônica, pega-se o sinal via UHF, portanto, sinal aberto.

outras festas regionais, principalmente no estado do Amazonas.

4 A formação do conhecimento e a Tv

“Somente na comunicação tem sentido a vida humana”
Paulo Freire

Com os processos comunicacionais cada vez mais ágeis, seria um reducionismo afirmarmos que a educação é um processo somente da escola. Até porque como sabiamente Paulo Freire falou: “ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo”.¹² E é assim que percebemos a educação. Mediatizada pelo mundo. Homens e mulheres em contato permanente. Em troca constante. Só que a televisão acaba por “roubar” um espaço que deveria ser o da escola e da família. BACCEGA (2000) afirma que:

“(…) a televisão, com meio século de presença entre nós, compartilha com a escola e a família o processo educacional, tendo-se tornado um importante agente de formação. Ela até mesmo leva vantagem em relação aos demais agentes: sua linguagem é mais ágil e está muito mais integrada ao cotidiano: o tempo de exposição das pessoas à televisão costuma ser maior do que o destinado à escola ou à convivência com os pais”. (p. 95)¹³

¹² Freire, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. 34ª Edição. Paz e Terra. Rio de Janeiro, 1987. (p.68)

¹³ BACCEGA, Maria Aparecida. *Comunicação/educação: aproximações*. In: BUCCI, Eugenio. *A tv aos 50 anos – criticando a televisão brasileira no seu cinquentenário*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2000.

É preciso que se descubra que a televisão é um outro modo de saber e de se chegar à educação. Perceber que:

“na perplexidade desse encontro – comunicação/educação – os sentidos se ressignificam e a capacidade de pensar criticamente a realidade, de conseguir selecionar informação (disponível em quantidade cada vez maior graças à tecnologia, como via internet, por exemplo) e de interrelacionar conhecimentos, torna-se indispensável. (BACCEGA, 2000. p. 98)

Portanto, em nossa visão, não basta apenas os meios de comunicação – e a televisão especificamente – mudar seu modo de mostrar o mundo, mas educadores e educadoras também deverão rever seu modo de se “apropriar” do que estes veículos despejam sobre nós e selecionar esta ou aquela informação, fazendo com que a mesma tenha sentido em sua vida.

Por isso, necessitamos mudar, adquirir novos conhecimentos através de uma sociedade mais justa e mais horizontal (econômica e socialmente falando). Segundo CORTELLA (1998), este

“Conhecimento está úmido de situações histórico – sociais; não há Conhecimento absolutamente puro, sem nódoa. Todo Conhecimento está impregnado de história e sociedade, portanto, de mudança cultural(...) o Conhecimento é também político, isto é, articula-se com as relações de poder. Sua transmissão, produção e reprodução (...) decorre de uma posição ideológica (consciente ou não), de uma direção deliberada e de um conjunto

de técnicas que lhe são adequadas.” (p. 127).¹⁴

Mas enquanto não houver um mecanismo de controle sobre o que for veiculado nas programações, temos de ter a ciência de que, no ambiente televisivo, sempre estaremos nas mãos de um poder: o proprietário da emissora. Ele é quem irá decidir o que nos deve ser repassado (de bom ou ruim), pois, afinal de contas, “ele sabe o que é bom para nós” e o que queremos ver, também. Inimá Simões cita em seu artigo, *Nunca fui santa (episódios de censura e autocensura)*, que Silvio Santos costuma dizer com todas as letras que “cultura e informação são obrigações do governo.”(p. 93). Com estas palavras, acaba por resumir a problemática da televisão no Brasil.

Mas isso não pode ser assim. Algo deve ser feito para que estas programações sejam mais bem elaboradas. Não censura, mas um controle para evitar que se cheguem a mais abusos. Afinal, como já foi afirmado, as emissoras são concessões pública, e como tal deve ser direcionada para a sociedade, em seu benefício.

Cabe aqui a ressalva de que em momento nenhum se defende a censura nos veículos de comunicação, em especial na televisão. Apenas crê-se que o povo brasileiro é de fácil manipulação devido seu baixo nível de escolaridade e, portanto, pouco crítico, exigente e suscetível a manobras de grupos dominantes. E, com isso, a televisão ganha um papel de extrema importância por ser altamente massificada, gratuita e de fácil acesso.

¹⁴ CORTELLA, Mário Sérgio. *A Escola e o Conhecimento: fundamentos Epistemológicos e políticos*. São Paulo: Cortez Editora, 1998.

Apesar desta baixa escolaridade somos um povo muito criativo e que precisa – e merece – um melhor tratamento, ou seja, receber informação, entretenimento e educação com melhor qualidade. E sendo a televisão um veículo de alta penetração e alcance – via satélite – torna-se uma ferramenta poderosa e que precisa ser mais bem explorada.

Mas o que realmente importa é que necessitamos cada vez mais criticarmos a televisão. Pois somente assim estaremos criando conhecimento. Através da criticidade. Não podemos ser meros reprodutores. Precisamos reelaborar o que vem como um “dado”. (BACCEGA, 2000)

5 Uma bússola para encontrar o rumo

É possível que as emissoras de “sinal aberto” (não pago), como a Globo, SBT, Bandeirantes, Rede TV! e Record, continuarão com este discurso ideológico apelativo e financeiro, enquanto não houver uma discussão e uma reação por parte da sociedade sobre o papel educativo da TV. Permanecerá com programas de gosto duvidoso e apelativo como João Kleber, Ratinho, Sergio Malandro, Marcia Goldschmidt, como ressuscitado Wagner Montes, entre outros. Poderá até, em raros momentos, destinar um pouco mais de seu tempo para momentos culturais e não apenas entretenimento fácil e que não leva a nenhum questionamento.

Já as emissoras de sinal codificado – TV por assinatura, pago – caberá parte deste papel que ficou no esquecimento. É provável que este espaço e esta responsabilidade fique mesmo com algum (uns) canal (ais) de TV fechado, pois não terão, desta forma,

um compromisso efetivo com o lucro e o índice de audiência, nem tampouco com algum grupo econômico, pois serão canais exclusivamente voltados com a finalidade educativa e de geração do conhecimento, visto que as emissoras de canal aberto, tendem a mostrar o conhecimento acabado, pronto; sem a preocupação de mostrar como se chegou ao resultado final.

Em todo caso, o conhecimento ficará limitado a quem tiver o privilégio de poder pagar para obtê-lo, haja visto que estes sinais (Futura, TV SENAC, entre outras), são sinais fechados e pagos.

É salutar que as redes de TV alterem o modo de “construir suas matérias”, demonstrando que o cientista teve uma pré-ocupação com um problema e foi devido a esta pesquisa, esta intencionalidade da busca do Conhecimento e após várias tentativas e erros é que ele chegou ao resultado. Como diz CORTELLA:

“não há conhecimento que possa ser apreendido e recriado se não se mexer, inicialmente, nas preocupações que as pessoas detêm; é um contra-senso supor que se possa ensinar crianças e jovens, principalmente, sem partir das preocupações que eles têm..” (p. 115-116).

Apesar de algumas emissoras insistirem que fazem sua parte ainda assim é pouco. As ações restringem-se no intervalo comercial com a veiculação de campanhas institucionais, normalmente promovidas por Organizações Não Governamentais – ONGs. Podemos citar o exemplo das campanhas Anti-drogas (Associação Parceria Contra as Drogas). Desde sua criação já conseguiu espaços

no valor de R\$ 30 milhões¹⁵, além da produção gratuita dos comerciais pelas agências e produtoras. A jornalista Edylita Falgetano cita ainda que “seria um avanço se a responsabilidade social das emissoras não ficasse apenas no intervalo comercial, mas também tomasse conta da programação.” (Tela Viva, 1999, Pág. 14).

A TV Futura é um sinal, uma pequena reação da sociedade e de algumas empresas, que têm a lúcida consciência do papel fundamental que a TV via satélite possui: aproximar as pessoas do conhecimento. Seja nos grandes centros urbanos ou nas mais afastadas cidades da região norte e nordeste. Hoje, com o sinal via satélite, é possível levar este conhecimento e educar pessoas nos mais remotos lugares do Brasil. Até no meio da floresta amazônica, por exemplo.

6 Considerações finais. Distante de uma conclusão

Do tema apresentado, percebe-se que o assunto é muito vasto e que ainda renderá muitos estudos e análises, como por exemplo: o futuro da televisão será apenas entretenimento fácil, que não faz pensar e “emburrece” o cidadão que a ouve e vê ou ela mudará um pouco sua visão e finalmente cumprirá seu papel social como facilitadora de educação e do conhecimento?

Conseguiremos chegar a um controle na televisão, visto que ela é uma concessão pública e, portanto, deveria acatar o que a sociedade deseja que seja mostrado?

Ou então rumaremos para uma televisão pública. Nem comercial nem governamental. Segundo Cunha Lima “é esse modelo

¹⁵ Dados de 1999. Revista Tela Viva.

institucional de televisão que possibilita, em todo o mundo, a geração de programas não contaminados pelo comércio ou por ingerências políticas”?(p.164)¹⁶

O rumo da Tv, no Brasil, principalmente a de sinal aberto é uma caixinha de surpresas. Se continuar neste rumo, continuará a prestar um desserviço a sociedade. Portanto, é preciso repensá-la. E que a sociedade, de modo geral, tome conhecimento dos seus direitos perante a telinha. Por sorte, ainda existe o controle remoto e o juízo de cada um.

O que se torna emergencial é a sociedade civil organizada, unir-se sobre este tema que causa tanta discussão e celeuma e buscar formas de controle sobre os *concessionários*. Longe de censura. Apenas orientações para uma programação mais proveitosa, que não mostre apenas barbáries, que não mostre apenas o mórbido, pois ao assistir isso que esta aí, ao receptor “restará sempre uma satisfação íntima de felicidade relativa. Assistir ao mórbido confirma a sobrevivência dos que o assistem”.¹⁷

O que não podemos fugir é da discussão sobre este poderoso veículo que é do público e que por ele, como sujeito, deve ser fiscalizada, para agradá-lo enquanto objeto de lazer, diversão e conhecimento.

7 Referência bibliográfica

BACCEGA, Maria Aparecida. *Comunicação/educação: aproximações*. In:

¹⁶ Op. Cit por Laurindo Lalo Leal Filho. A TV Pública. In: BUCCI, Eugenio. A tv aos 50 anos – criticando a televisão brasileira no seu cinquentenário. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2000.

¹⁷ FACHEL, Ondina. *A leitura social da novela das oito*. Vozes, 1986: Rio de Janeiro. 2ª Edição.(p. 72-73)

BUCCI, Eugenio. A tv aos 50 anos – criticando a televisão brasileira no seu cinquentenário. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2000.

CORTELLA, Mário Sérgio. *A Escola e o Conhecimento: fundamentos Epistemológicos e políticos*. São Paulo: Cortez Editora, 1998.

DANIEL Filho. *O Circo Eletrônico. Fazendo TV no Brasil*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

Diário da Amazônia, caderno Variedades – Televisão. Página B-8. Porto Velho, 31/05/2002. Ano IX – Nº 2970

FACHEL, Ondina. *A leitura social da novela das oito*. Vozes, 1986: Rio de Janeiro. 2ª Edição

FALGETANO, Edylita. *TV Social. A outra face*. Revista Tela Viva, janeiro de 1999.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. 34ª Edição. Paz e Terra. Rio de Janeiro, 1987.

LOPES, Vera de Oliveira Nusdeo. *A Lei da Selva*. In: BUCCI, Eugenio. A tv aos 50 anos – criticando a televisão brasileira no seu cinquentenário. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2000.

MOREIRA, Roberto. *Vendo a televisão a partir do cinema*. In: BUCCI, Eugenio. A tv aos 50 anos – criticando a televisão brasileira no seu cinquentenário. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2000.

RABAÇA, Carlos Alberto & Barbosa, Gustavo. *Dicionário de comunicação*. Ática. São Paulo: 1987

SIMÕES, Inimá. *Nunca fui santa (episódios de censura e autocensura)*. In: BUCCI, Eugenio. *A tv aos 50 anos – criticando a televisão brasileira no seu cinquentenário*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2000.

Sites na internet:

http://sucom.redeglobo.com.br/manchetes/horario_verao.php